ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p365

50 ANOS DE JORNALISMO DA GLOBO: recordar para reafirmar

50 YEARS OF GLOBO NETWORK JOURNALISM: remembering to reassure

50 AÑOS DE PERIODISMO DE GLOBO: recordar para reafirmar

Lucia Santa Cruz[1, 2]

RESUMO

Este artigo analisa a série especial *50 anos de jornalismo da Globo*, exibida em cinco episódios ao final do *Jornal Nacional*, na semana do aniversário de meio século da emissora, em abril de 2015. O conteúdo do programa foi organizado tomando como base a memória de 16 jornalistas que participaram das coberturas dos principais fatos do período. Parte-se da hipótese que, muito mais que uma simples recordação, este especial tem como objetivo evocar a importância do telejornalismo e reafirmar a qualidade do trabalho desenvolvido pela emissora. Esta iniciativa se colocaria, portanto, como um contraponto à uma crescente desvalorização dos meios noticiosos tradicionais e especialmente à uma queda na popularidade da própria Rede Globo. Como método, empregaram-se a análise documental, a análise textual qualitativa e a análise de enquadramento.

[1] Doutora, mestre e graduada em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Adjunta da ESPM/RIO (Graduação e Mestrado Profissional em Gestão da Economia Criativa - MPGEC). Pesquisadora do Laboratório de Estudos de Memória Brasileira e Representação do MPGEC (LEMBRAR), da Coordenação Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos da UFRJ (CIEC-UFRJ) e pesquisadora do Centro de Altos Estudos da ESPM (CAEPM). E-mail: lucia.santacruz@espm.br.

[2] Endereço de contato das autoras (por correio): Escola Superior de Propaganda e Marketing, ESPM/RJ. Rua do Rosário, 90, Centro, CEP: 20041-002, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p365

PALAVRAS-CHAVE: Memória jornalística; História do jornalismo; Autoridade jornalística; Telejornalismo; Rede Globo.

ABSTRACT

This article intends to analyse the special series *50 anos de jornalismo da Globo (*50 years of Globo Network Journalism), held on five sequenced days at the last part of *Jornal Nacional*, during the broadcast half century commemoration, in april 2015. The show content was organized over the memories of 16 journalists that took part of most important coverages of the period. The main hypothesis here is that, much more than just a simple remembrance, this special aimes to evocate the telejournalism importance and its authority, but also to reaffirm the network high quality work. That iniciative can be understood as a counterpart to a growing devaluation of traditional media, and also to a decay in Rede Globo's own popularity. As method, were used the documental analysis, the qualitative textual analysis and the framework analysis.

KEYWORDS: Journalistic memory; journalism history; journalistic authority; Telejournalism; Globo Network.

RESUMEN

En este artículo se analiza la serie especial de *50 anos de jornalismo da Globo (50 años de periodismo de Globo)*, que aparece en cinco episodios al final del *Jornal Nacional*, la semana del aniversario de medio siglo de la estación en abril de 2015. El contenido del programa se organizó en la memoria de 16 periodistas que participaron en la cobertura de los principales acontecimientos del período. Se partió de la hipótesis de que, mucho más que un simple recordatorio, esto especial tiene como objectivo evocar la importancia del periodismo de televisión y reafirmar la calidad de los productos de la estación. Esta iniciativa se pone, por lo tanto, como contrapunto a una devaluación creciente de los medios de comunicación tradicionales y, especialmente, una caída en la popularidad de la propia Red Globo. Como método, se emplearon para el análisis de documientos, el análisis textual cualitativo y el análisis de framing.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p365

Introdução

Ao completar 50 anos, em abril de 2015, a TV Globo, principal rede de televisão aberta do Brasil, entre diversas formas de comemoração, escolheu usar a memória como um dos eixos para celebrar a data. Além de reportagens especiais e de um show transmitido na noite de 25 de abril, a emissora produziu uma série de cinco episódios, com duração média de 21 minutos, veiculados ao final de cinco edições do *Jornal Nacional*, de 20 a 24 de abril, na semana do aniversário da emissora, comemorado em 26 de abril, data da primeira transmissão pelo Canal 4 no Rio de Janeiro.

O propósito da série foi reviver as principais coberturas jornalísticas da Rede Globo, utilizando para isso um ferramental diferente da tradicional retrospectiva, a qual de apoia exclusivamente nos fatos: o telejornal trouxe para a frente das câmeras a memória dos jornalistas que apuraram, produziram e apresentaram as reportagens.

> Na semana em que a Globo completou 50 anos, o *Jornal Nacional* festejou de uma forma inédita. Em uma tarde de sábado, 16 profissionais que ajudaram a contar a história se encontraram para dividir memórias de grandes coberturas jornalísticas. Lado a lado, levaram ao estúdio do Projac[3] emoções, lembranças e curiosidades de bastidores (MEMÓRIA GLOBO, 2015)

Pretende-se neste artigo analisar os cinco episódios comemorativos dos *50 anos do jornalismo da Globo*, partindo de alguns eixos, como a valorização da memória, a relação do jornalismo com o fato memorável, a visão do

[3] Projac é um complexo de estúdios da Rede Globo, situado no bairro de Jacarepaguá, na zona oeste carioca. Inaugurado em 1995, seu nome vem da abreviação de Projeto Jacarepaguá, uma iniciativa datada do final dos anos 1980, com o objetivo de concentrar num só lugar todos os estúdios da emissora de produção de novelas e outros programas. (MEMÓRIA ROBERTO MARINHO, s/d, s/p). Os estúdios de jornalismo não estão compreendidos no complexo, permanecendo no bairro do Jardim Botânico, na zona sul da cidade.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p365

jornalista como testemunha da história e a reconstrução da história por meio da atividade memorialística.

Como hipótese, aventa-se que, muito mais que uma simples recordação, este especial dos *50 anos de jornalismo da Globo* tem como objetivo evocar a importância do telejornalismo e reafirmar a qualidade do trabalho desenvolvido pela emissora. Esta iniciativa se colocaria, portanto, como um contraponto à uma crescente desvalorização dos meios noticiosos tradicionais e especialmente à uma queda na popularidade da própria Rede Globo.

Este artigo foi escrito no âmbito da pesquisa *Quando a memória define a pauta*, desenvolvida entre agosto de 2015 e julho de 2016, apoiada pelo Centro de Altos Estudos da ESPM (CAEPM). O estudo se debruçou sobre projetos memorialísticos desenvolvidos por meios de comunicação, colocados à disposição do público através da internet, e que também produzem conteúdo novo, através da rearticulação de sentidos e da reconstrução do passado. Entre estas experiências, estão o Memória Globo, Memória O Globo, Acervo O Globo e o Acervo Estadão, projetos criados respectivamente pela Rede Globo de Televisão, pelo jornal O Globo e pelo jornal O Estado de São Paulo.

Fundamentação teórica

Recordar é um dos fenômenos culturais mais expressivos do final do século XX e nestas primeiras duas décadas do século XXI. Frente a fragmentações diversas, que vão do esfacelamento das grandes narrativas à desconstrução do sujeito e à perda da crença no futuro e na utopia, o apreço pela recordação do passado parece despontar como um porto seguro num mar de instabilidades e incertezas.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p365

Esta valorização do memorável se apoia no conceito de memória coletiva concebido por Maurice Halbwachs (1990), para quem a memória individual existe sempre num contexto social, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo.

> A memória, especialmente no que diz respeito à construção de identidades e ao desenho do sentimento de nação, hoje assume o papel de ser uma narrativa que forneça sentido individual e coletivo, sendo que todas as memórias que temos são filtradas pela mídia. Não são memórias advindas do lembrar, são sempre mediadas. (SANTA CRUZ, 2007, 181)

Um dos principais mediadores destas lembranças são o jornalismo e seus agentes, os jornalistas. Eles ocupam um papel proeminente na criação, na circulação de memórias coletivas na contemporaneidade e contribuem de diferentes formas para a moldagem tanto da memória autobiográfica das pessoas quanto para a constituição da memória histórica. Este entendimento se alinha com a perspectiva de Halbwachs para quem seria difícil apontar se o que alguém lembra é o que realmente experimentou ou se o que ele rememora incorporou conteúdos produzidos por outros atores. Uma perspectiva semelhante a de Olick (2014), para quem a memória de eventos públicos é em última instância inseparável da cobertura jornalística que receberam. Bergamo vai um pouco além e afirma que "a memória da imprensa equivale à memória nacional pela indissociação entre a intensidade do esforço empreendido pelo repórter na cobertura e a importância do evento" (BERGAMO, 2011 p. 243).

Embora normativamente posicionado em torno do presente, especialmente quando falamos de meios eletrônicos, cuja agilidade operacional permite a divulgação de notícias de última hora e transmissões ao vivo dos fatos, o noticiário está repleto de exemplos de utilização do passado como elementos noticiosos.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p365

> Notícias, como uma forma não-ficcional de contar histórias, dependem intensamente de estratégias temporais. Jornalistas sempre se apoiaram em temas relacionados com o tempo e em recursos narrativos para manter a continuidade da história, o engajamento dos leitores e a visibilidade da notícia. (...) Acontecimentos de longa duração se encaixam também nesta perspectiva, com o tempo se deslocando para ser a questão mais relevante ou sendo alçado à categoria de valor-notícia. Da celebração de aniversários a retrospectivas de final de ano, passando por simples analogias verbais e visuais conectando o passado e o presente, o jornalismo incorporou um endereçamento para tempos anteriores, perceptível por meio de uma ampla mostra de suas convenções e práticas (SANTA CRUZ, 2016 p. 37-38).

Jornalismo é uma atividade que produz diariamente registros tomados como fonte de informação num sentido amplo e, principalmente, de marcação no sentido histórico. Mas além de utilizar a memória para produzir notícias, os jornalistas também se valem da memória coletiva para suportar sua própria autoridade cultural como uma instituição pública central para o entendimento da sociedade sobre si mesma (CARLSON e BERKOWITZ, 2011 p. 412, tradução da autora). Esta é uma perspectiva que se aproxima da visão de Bergamo. "Ao transformar o próprio trabalho em fato extraordinário, o jornalista deixa de ser apenas uma testemunha e passa a assumir o caráter de protagonista dos eventos" (BERGAMO, 2011 p. 243).

Não se trata, todavia, de considerar que a memória funciona como um holofote sobre a performance individual do repórter. Podemos aventar que os profissionais do jornalismo se valem da memória coletiva para manter sua autoridade cultural, e que para isso enfatizam a criação de narrativas de continuidade que conectam o passado da profissão com o presente. Este ponto de vista se baseia no entendimento do jornalismo como uma comunidade interpretativa (TUCHMAN, 1980; TRAQUINA, 2008; ZELIZER, 1992, 1993, CARLSON e BERKOWITZ, 2014), que compartilha práticas e quadros comuns de referência para compreender estas práticas e, desta forma, também partilha

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p365

uma cultura profissional comum, uma forma de ver, de falar, de agir, de narrar (TRAQUINA, 2008).

Na visão de Carlson e Berkowitz (2014), em sua análise das notícias veiculadas na televisão após a morte de Walter Cronkite, lendário âncora da emissora norte-americana CBS News, os jornalistas atribuem à memória coletiva a função de um recurso simbólico estratégico através do qual a comunidade constrói e circula significados específicos de acontecimentos e de indivíduos. De acordo com os dois pesquisadores, os jornalistas utilizaram o evento para reforçar o papel cultural que deveria ser creditado ao telejornalismo como já havia sido no passado, e que no atual cenário midiático está enfraquecido, ameaçado por novos atores e pela horizontalização da comunicação. Uma vez que os fluxos comunicacionais se organizam e se distribuem em redes, a figura do telejornalismo como o interlocutor privilegiado perde espaço.

O estabelecimento da autoridade cultural dos jornalistas e dos veículos noticiosos aos quais estão ligados se dá por meio da sua conexão às grandes reportagens e coberturas. "A realidade só é formada a partir das impressões individuais do sujeito que narra, o repórter" (BERGAMO, 2011 p. 245).

Se a memória é um elemento constitutivo da autoridade jornalística, os recentes projetos criados por empresas jornalísticas para preservar seu passado e, simultaneamente, produzir novos conteúdos, se apresentam como estratégias atuantes de defesa deste patrimônio. Organizações jornalísticas são instituições preservacionistas: têm arquivos, em geral compostos por materiais que elas mesmas produziram ou pelo menos coletaram (OLICK, 2014, tradução livre da autora). Estes arquivos são úteis não apenas para o trabalho dos jornalistas, mas frequentemente são tomados como fontes históricas. Uma consciência da seletividade e da relevância destes arquivos é obviamente essencial para avaliar

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p365

sua confiabilidade e seu impacto, e isso requer o entendimento de como arquivos funcionam como lugares de memória e sobre a memória.

Na próxima seção, trataremos sobre um destes projetos, o Memória Globo, cujo trabalho forneceu a base para a série especial *50 anos de jornalismo da Globo*, um produto de comemoração do aniversário da emissora.

Memória Globo

A concepção do projeto Memória Globo é atribuída aos três filhos do fundador da Rede Globo, Roberto Marinho, que o idealizaram em 1999 como um suporte para a elaboração da biografia do patriarca, sob a coordenação da historiadora Sílvia Fiúza. Com a morte de Roberto Marinho, em 2003, e a subsequente crise financeira do grupo, o projeto foi incorporado na estrutura da Rede Globo e ampliou seu escopo, passando a ser responsável por contar a história da emissora (informação verbal)[4].

Desde a sua criação, o Memória Globo desenvolve um trabalho de história oral, registrando o depoimento de profissionais em atuação ou que trabalharam na TV Globo ou nas demais empresas do grupo. Até janeiro de 2016, já haviam sido tomados quase mil depoimentos, num total de cerca de 2.260 horas de gravação.

> Muitos entrevistados acompanharam o surgimento da televisão no Brasil. Suas trajetórias se confundem com o crescimento da TV no país. São relatos que explicam como a TV no início era algo bem amador, com poucos recursos, improvisado, sem uma profissionalização maior. E dizem sim que ao olharem para o passado,

[4] Entrevista concedida por FIUZA, Sílvia. **Entrevista** I (set2015). Rio de Janeiro, 2015. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p365

> jamais imaginariam que a televisão chegaria aonde chegou no Brasil. (FIUZA, informação verbal)[5]

Grande parte deste material está disponível no site do projeto, criado em 2008, estruturado em seis abas: *Programas, Perfis, Mostras, Erros, Acusações falsas* e *Vídeos*. Em cada uma delas, é possível assistir webdocs, produzidos especialmente para o site, rever trechos de programas da emissora, ler perfis dos profissionais, entre outros materiais audiovisuais e textuais, num total de quase dois mil textos. O site não permite download de nenhum conteúdo audiovisual.

Duas destas abas contêm posicionamentos institucionais da TV Globo a respeito de casos polêmicos ou de falhas jornalísticas. Entre os *Erros*, encontramos, por exemplo, a edição para o *Jornal Nacional* do último debate entre os candidatos Collor e Lula, em 1989, na primeira eleição direta para presidente após a redemocratização do país. Este ponto, inclusive, foi abordado no especial *50 anos de jornalismo da Globo*.

Já nas *Acusações falsas*, está o Caso Time-Life, um acordo firmado entre a emissora e o grupo de mídia americano, que foi acusado de inconstitucional, tornou-se objeto de uma Comissão Parlamentar de Inquérito em 1966 e foi desfeito em 1967. A ilegalidade estaria no fato de a legislação brasileira não autorizar sócios majoritários estrangeiros em empresas de comunicação. A Globo alega que não seria uma sociedade, mas uma parceria de transferência de tecnologia e know-how. O conteúdo desta aba, portanto, apresenta a versão da emissora para alguns assuntos polêmicos, identificados por critérios próprios.

---

[5] Entrevista concedida por FIUZA, Sílvia. **Entrevista** I (set2015). Rio de Janeiro, 2015. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p365

Na aba *Mostras*, estão conteúdos considerados especiais, "com mais espaço para aprofundar a obra de profissionais e eventos", onde "assuntos de interesse público, como a mostra da Censura, também são levados em conta" (FIUZA, informação verbal)[6] . É nesta área que está a *Mostra 50 anos*, que reúne seis blocos. Cinco blocos são destinados às décadas de existência da rede – *Primeiros programas* (1965 a 1974), *Em rede e a cores* (1975 a 1984), *É tetra!* (1985 a 1994), *Nova ordem mundial* (1995 a 2004), e *Reconhecimento* (2005 a 2015) e o último, série especial, *50 anos de jornalismo da Globo*, foi exibido dentro do *Jornal Nacional* na semana das comemorações pelo cinquentenário da emissora.

É este material que será objeto de análise neste artigo, quando se interroga se este esforço celebratório não traz em si uma tentativa de reforço da legitimidade da TV Globo como um emissor reconhecido na narrativa da história por meio do jornalismo.

Metodologia

Este estudo assistiu e transcreveu os cinco episódios da série *50 anos de jornalismo da Globo*, disponíveis no site do Memória Globo, num total de 3 horas de programação.

Uma vez que o estudo da memória coletiva está centrado na criação de sentido sobre o passado, empregou-se análise textual qualitativa para analisar as transcrições. Num primeiro momento, após a assistência repetida dos programas, se procedeu à análise descritiva, que compreende a caracterização

[6] Entrevista concedida por FIUZA, Sílvia. **Entrevista** II (nov2015). Rio de Janeiro, 2015. 1 arquivo .mp3 (75 min.).

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p365

geral dos episódios, sua extensão, participantes, estrutura etc, de modo a produzir uma visão de conjunto do material.

Em seguida, se promoveu a análise interpretativa, confrontando a observação com o referencial teórico dos estudos da memória e dos estudos que relacionam mídia (mais precisamente jornalismo) e memória (ZELIZER, 1992; OLICK, 2014; CARLSON e BERKOWITZ, 2011,2014; SCHUDSON, 2014).

Utilizando-se ainda a análise de enquadramento, a partir da teoria do Newsmaking (SOARES, 2012), foi possível identificar algumas tendências bem como alguns pontos recorrentes nas falas dos jornalistas, nos temas abordados e nas reportagens selecionadas para exibição.

Como suporte, também se valeu de entrevista em profundidade (DUARTE, 2010) com a então coordenadora do Memória Globo, Sílvia Fiúza, a respeito dos processos de trabalho da área e da sua participação da montagem do especial *50 anos de jornalismo da Globo*.

50 anos em 5 capítulos

Jornalismo faz parte da programação da TV Globo desde o início das suas transmissões, em 26 de abril de 1965, quando foi ao ar o TeleGlobo, um noticiário com 30 minutos de duração, exibido em duas edições: às 12 h e às 19h. Ao longo destes 50 anos, a emissora estruturou sua atuação em três vertentes: jornalismo, entretenimento e esportes. Na comemoração do meio século de existência, além de programas especiais e de um show, a rede apresentou, ao final de cinco edições do *Jornal Nacional*, seu principal noticioso, um especial sobre a prática jornalística da organização.

A experiência foi dividida em cinco períodos: de 1965 a 1974, de 1975 a 1984, de 1985 a 1994, de 1995 a 2004 e de 2005 a 2015, chamados de

"décadas" pelo editor do *Jornal Nacional* e idealizador do projeto, William Bonner.

O primeiro episódio, que foi ao ar no dia 20 de abril, começa com uma cabeça lida pela âncora Renata Vasconcellos:

> Nesta semana a Globo vai completar 50 anos. E a comemoração aqui no JN vai ser de um jeito inédito. Para relembrar as coberturas jornalísticas mais marcantes deste período, nós vamos provocar a memória dos autores daquelas reportagens. Para representar os milhares de profissionais que construíram o jornalismo da Globo em 5 décadas, nós reunimos 16 repórteres para dividir experiências, lembranças, informações de bastidores. E a emoção que tudo isso junto pode provocar. (VASCONCELLOS, 2015, 20/4/2015)

Na sequência, a imagem foca na logo da Globo, e a câmera vai lentamente abrindo até que se visualiza um estúdio, com paredes e móveis brancos, onde 16 jornalistas estão sentados em bancadas, dispostas em torno de uma mesa com o logotipo da Rede Globo no alto e monitores de televisão nas suas laterais. Em pé, o mestre de cerimônias, que conduzirá a viagem pela memória, William Bonner, anuncia.

> E é nesse estúdio do Projac, no Rio de Janeiro, montado exclusivamente para este encontro, que nós vamos fazer este mergulho nestes 50 anos da história do jornalismo. Quem vai nos ajudar a recontar alguns dos momentos mais importante desta história está aqui com a gente, são os nossos colegas jornalistas. (BONNER, 2015, 20/4/2015)

Bonner se desloca entre os jornalistas, nominando-os, enquanto dois telões projetam reportagens antigas dos profissionais. Enquanto faz isso, os repórteres comentam os vídeos exibidos, reparando nos penteados, na roupa, no peso, destcando as mudanças no visual dos colegas. Os jornalistas que participaram do encontro foram, por ordem de citação no vídeo: Renato Machado, Luiz Fernando Silva Pinto, Glória Maria, Tino Marcos, Sandra Passarinho, Orlando Moreira, Fátima Bernardes, Pedro Bial, Ilze Scamparini,

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p365

Francisco José, André Luiz Azevedo, Caco Barcellos, Marcelo Canellas, Galvão Bueno, Ernesto Paglia e Heraldo Pereira. Os critérios para a seleção destes profissionais e não outros para participação neste exercício de rememoração não foram anunciados no programa e nem posteriormente esclarecidos. A então coordenadora do Memória Globo informou que a escolha partiu da equipe do *Jornal Nacional* (informação verbal[7]). Vale destacar, para além dos critérios de noticiabilidade que regem as escolhas que o jornalismo faz sobre quais fatos merecem virar narrativas jornalísticas, que também a memória é seletiva. Outro grupo de jornalistas talvez tivesse diferentes recordações ou destaques.

Cabe aqui uma ressalva. O especial foi apresentado, nos cinco episódios, como um encontro (e, portanto, mais descontraído, informal), destituído, teoricamente, das características do trabalho e da rotina da redação jornalística. Foi gravado durante uma única tarde de sábado em um estúdio no Projac. Cada edição do especial era referida como capítulo, o que guarda uma curiosa aproximação com o universo do entretenimento, da serialização das novelas e não com o jornalismo. Além disso, conforme relatou Sílvia Fiúza, os jornalistas não sabiam do conteúdo do encontro, só foram informados na hora da gravação. Sabiam que se tratava da gravação de um especial sobre o jornalismo da emissora, dentro das comemorações dos 50 anos, mas não tinham conhecimento que isso seria feito a partir de lembranças das coberturas que eles mesmos realizaram no passado (FIUZA, informação verbal)[8].

---

[7] Entrevista concedida por FIUZA, Sílvia. **Entrevista** II (nov2015). Entrevistador: Lucia Santa Cruz. Rio de Janeiro, 2015. 1 arquivo .mp3 (75 min.).
[8] Entrevista concedida por FIUZA, Sílvia. **Entrevista** I (set2015). Rio de Janeiro, 2015. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p365

Apesar de se basear na rememoração pessoal dos profissionais, há nitidamente uma pesquisa, uma produção e um roteiro que não foram montados a partir das lembranças dos jornalistas, mas sim do trabalho de seleção e edição desenvolvido por uma equipe conjunta do *Jornal Nacional* e do Memória Globo.

Nota-se uma tensão, neste encontro de lembranças, entre cordialidade, informalidade, espontaneidade e a pré-produção, o que não impede que haja momentos aparentemente genuínos de emoção, provocados pela reminiscência, como já advertira na abertura a âncora Vasconcellos. Quando Galvão Bueno vê o VT do acidente que vitimou Airton Senna em 1994 é um exemplo. Bueno não consegue controlar as lágrimas (no terceiro episódio), enquanto Pedro Bial comenta a bravura do colega que continuou narrando a prova de automobilismo com garra, disposição, atitude. A emoção é potencializada pela música de fundo, que sobe enquanto em lettering é projetada a palavra profissionalismo. Outro momento é quando Ilze Scamparini, no quinto episódio, comenta a morte do Papa João Paulo II e sua voz fica embargada ao revelar que no enterro do pontífice, ao ver o caixão de madeira, sentiu falta "naquele desaparecimento, até do meu pai que já havia morrido muitos anos antes".

O discurso emocional atravessa os cinco episódios e é claramente assumido na abertura do último capítulo, quando os dois apresentadores do *Jornal Nacional* de maior duração, Cid Moreira e Sérgio Chapelin, retornam à bancada do noticioso.

> Eu tive a honra de inaugurar o *Jornal Nacional* ao lado do colega Hilton Gomes, em 1969. Foi um período de construção do jornalismo da Rede Globo, do próprio JN, e também da relação dos brasileiros com a Globo e com o JN. Foram muitos anos vivendo o jornalismo. Vendo a notícia chegar à redação das anotações de um apurador, de

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p365

> um produtor, um repórter, um cinegrafista, um editor. Foram anos participando desse processo, com entusiasmo e paixão até o momento em que cabia a nós levar a informação aos cidadãos. Ao longo dessa semana, enquanto os nossos repórteres relembravam momentos especiais da história e da carreira de cada um, alguns milhões de brasileiros fizeram o mesmo. E se emocionaram com eles. E entre esses milhões que se emocionaram estamos eu e o Chapelin. Relembrar esses momentos foi muito emocionante para nós. E para todos os colegas que um dia tiveram a responsabilidade enorme de ocupar esta bancada. (Cid Moreira, 24/4/2015 1'50")

A emoção, entretanto, não apenas é o fio condutor da lembrança. Opera também como um reforço da qualidade jornalística da Rede Globo, uma vez que, a cada reportagem recordada, se ressaltam as características e o profissionalismo do trabalho executado.

> Eu frequentei boates que eram verdadeiras ratoeiras como a boate Kiss. Estudei na mesma faculdade onde a maior parte desses garotos que morreram estudaram. Além de conhecer de perto pelo menos umas dez famílias que perderam seus filhos lá, eu me enxergava naqueles garotos. (Marcelo Canellas, 24/4/2015, 21'09").

Na sequência, Canellas comenta que até aquela data os réus não haviam sido ouvidos no processo, ao que Bonner retruca "mas nós estamos acompanhando. E vamos acompanhar até o fim" (William Bonner, 24/4/2015, 21'20"), destacando a atuação do jornalismo como *watchdog* - a instância que fiscaliza os poderes públicos e também as empresas privadas, acompanha suas ações, informa a população o que está errado e cobra providências.

Alguns trechos são elogios explícitos. No mesmo episódio, o apresentador levanta dois episódios ocorridos com o Papa Francisco I, destacando a atuação dos profissionais da emissora.

> Dois momentos maravilhosos do jornalismo da Globo, o [Gerson] Camarotti fazendo uma entrevista exclusiva com o Papa [na qual Francisco I afirma que o papa é argentino, Deus é brasileiro] e Ilse Scamparini, no voo de volta [do Brasil para o Vaticano] obtendo

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p365

> aquela declaração que foi parar em todos os telejornais do mundo[9] (William Bonner, 24/4/2015 22'51").

Ousadia, ineditismo, atuação arrojada. Os enquadramentos surgem na tela, em *lettering*, reforçando a qualidade do trabalho executado. Em todos os capítulos da série, podemos notar esta preocupação com a reafirmação da excelência do jornalismo praticado pela emissora desde o seu início. No primeiro episódio, quando é mostrado o início da TV Globo, Fátima Bernardes comenta o estilo formal de um dos pioneiros do telejornalismo, Hilton Gomes, em reportagem sobre o lançamento do foguete Apolo XI para a Lua, em 29 de julho de 1969, nos Estados Unidos. "Mas tudo o que a gente faz hoje já estava lá. Próximo ao fato, apontando e tentando mostrar pra gente que está em casa o que ele está vendo" (Fátima Bernardes, 20/4/2015, 4'38').

Outro momento de reforço da autoridade do jornalista e da sua competência para narrar a história, a despeito de questões individuais, ocorre quando Glória Maria comenta que anunciou o fim da guerra das Malvinas, em 1982. "Tive este privilégio. Sempre quis cobrir uma guerra, tinha pedido muitas vezes para cobrir e quando fui mandada me arrependi. Foi uma das piores experiências da minha vida" (Gloria Maria, 20/4/2015 8'50"), ao que Bonner retruca imediatamente. "Mas a Globo não se arrependeu de te mandar lá porque temos o registro histórico" (William Bonner, 20/4/2015 8'52").

O exemplo mais marcante da série *50 anos de jornalismo da Globo* como uma evocação da importância do telejornalismo e, mais especificamente, da autoridade jornalística e de sua capacidade de funcionar como *watchdog* vem da recordação do caso Tim Lopes, repórter da emissora assassinado por

[9] Bonner estava se referindo à entrevista que Scamparini fez no avião de retorno à Roma, depois da visita papal ao Brasil para participar da Jornada da Juventude em 2013. A repórter fez a pergunta: "Como Sua Santidade pretende enfrentar a questão do lobby gay?"

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p365

traficantes quando fazia uma reportagem investigativa sobre o tráfico no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, em 2002[10]. Este tema mereceu vários comentários dos repórteres participantes do programa, que ressaltaram a qualidade do trabalho de Lopes, destacando que ele rompia as regras, corria atrás da verdade, ia onde a notícia estava. Intrépido, valente, corajoso, destemido foram alguns adjetivos utilizados para descrevê-lo, numa alusão que pode ser estendida à própria figura do jornalista. O quarto episódio reproduziu o editorial da Globo, lido por William Bonner no *Jornal Nacional* de 10 de junho daquele ano, o qual afirmava que os marginais tentaram matar a voz de Tim Lopes, mas que sua voz seria ouvida "cada vez mais alta, em cada reportagem que nós, os jornalistas do Brasil, fizermos" (23/4/2015, 7'08").

Dita novamente, 13 anos depois do caso, esta expressão "nós, os jornalistas do Brasil" parece ter duas leituras. A primeira, imediata, engloba todos os profissionais do jornalismo brasileiro, unidos em torno de uma única causa. Já é uma reafirmação da autoridade profissional porém ainda dentro de uma perspectiva do jornalista como um defensor da liberdade, da busca pela verdade, na linha do *watchdog*. A segunda, que vem com um pouco mais de vagar, parece querer indicar que os jornalistas da Globo são os jornalistas do Brasil. Há, portanto, muito de reafirmação da autoridade profissional mas também de ênfase na legitimação da própria emissora, que, como aponta antes, enfrenta quedas contínuas de audiência, especialmente em seu principal noticioso, o *Jornal Nacional*.

[10] Nos três meses seguintes, a Globo acompanhou a caça ao traficante Elias Maluco, liderada pela cúpula da segurança do Rio de Janeiro. "Durante esse período, só o Jornal Nacional produziu e apresentou 470 reportagens sobre o poder paralelo dos traficantes do Rio de Janeiro, num total de 17 horas e 20 minutos de informação" (MEMÓRIA GLOBO, s/d, s/p)..

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p365

Nessa linha, um dos pontos mais polêmicos do jornalismo da TV Globo – sua atuação na cobertura do movimento das Diretas Já, em 1984, mereceu destaque nesta série. Na tentativa de desfazer a imagem cristalizada de que a Globo tentou abafar o movimento, são exibidas várias matérias, num bloco que dura mais de 5 minutos. Ele começa com uma reportagem de 1', de 29 de março de 1983, do então repórter Antônio Britto, informando que o PMDB iria lançar campanha pelas eleições diretas para a Presidência da República. Passa por um vt do Fantástico de 27 de novembro de 1983, mostrando, sem falas, um comício-festa e São Paulo; seguido de uma longa explicação de Bonner sobre a emenda Dante de Oliveira, que restabeleceria a votação direta para Presidente no país, até chegar no comício das Diretas de 25 de janeiro de 1984, em São Paulo.

> Esta reportagem provocou muita polêmica ao longo de muitos anos, porque embora ela falasse do Comício das Diretas, o texto que introduzia a reportagem, lido pelo apresentador na época, o que a gente chama de cabeça, o texto não falava em comício pelas Diretas (William Bonner, 21/4/2015 18'16")

Entra então o VT de Marcos Hummel, que apresentava o jornal local na época, relatando que fora um dia de festa em São Paulo e que a cidade comemora seus 430 anos com mais de 500 solenidades, das quais a maior teria sido um comício na Praça da Sé. Na sequencia, William Bonner toca na questão, reforçando que a emissora cumpriu seu papel de noticiar.

> Isso aí foi visto durante muitos anos como uma tentativa da Globo de esconder as Diretas e obviamente também depois de muitos anos foi reconhecido como um erro. E esse erro e outros detalhes deste período importantíssimo da história do Brasil você encontra muito muito muito ricamente ilustrado, com vários depoimentos, no Memória Globo. É um site que você deve visitar. Não so para ver esses casos, mas para rever, reouvir e conseguir se aprofundar a respeito de todos estes temas eu a gente está discutindo aqui e e de outros tantos assuntos que não vão caber nestes programa. Vale sempre uma visita ao Memória Globo. (William Bonner, 21/4/2015 19")

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p365

Outra polêmica de grande repercussão, a edição do debate entre os candidatos à Presidência da República no segundo turno da primeira eleição direta pós final da ditadura, também foi tratada na série, no terceiro episódio. Bonner puxa o assunto. "Esta foi uma eleição que teve um investimento enorme também de todos nós, de investimento, de muito trabalho, foi eclipsado por uma polêmica que era a edição do debate do segundo turno entre Fernando Collor e Lula" (William Bonner, 22/4/2015 7'50"). Corta para a cabeça de Cid Moreira no Jornal Nacional. "Foi um duelo entre os dois candidatos pela televisão. Durou quase três horas". Em off, enquanto a matéria editada é transmitida sem som, entra a locução de Bonner.

> Um debate entre candidatos é um confronto de ideias, de argumentos, que precisa ser visto no todo, por inteiro. Resumir o debate, como se faz, por exemplo, num jogo de futebol, com os melhores momentos da partida, que foi a ideia na época, é um risco enorme porque qualquer seleção de trechos sempre vai poder ser questionada. E foi isso o que aconteceu. Além do que a educação acabou deixando o tempo total de fala de Collor maior que o tempo de Lula. Foi um aprendizado importante pra Globo, pro jornalismo da Globo. A gente lembra que a democracia estava ressurgindo no Brasil e o jornalismo estava começando a trabalhar com o ressurgimento da democracia. A Globo reconheceu o erro de tentar editar um debate político. Isso foi público, e os textos e vídeos que esclarecem esse episódio com uma grande riqueza estão disponíveis também no site do Memória Globo. Vamos em frente (William Bonner, 21/4/2015 9').

A finalização da fala do apresentador pode parecer, numa primeira leitura, um certo fraquejamento e uma quebra na qualidade do trabalho da emissora. Porém há também um tom de queixa. Bonner puxa o assunto afirmando que um erro eclipsou o esforço de produção para a cobertura das eleições. Ele esvazia desta forma qualquer intencionalidade política no evento e reforça que tudo não passou de um erro de edição, mas que o trabalho foi executado com excelência. O enquadramento consistente.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p365

No episódio de encerramento da série, quando os dois apresentadores mais duradouros do Jornal Nacional, Cid Moreira e Sérgio Chapelin, retornam à bancada do noticioso, um comentário de Chapelin consolida esta perspectiva da qualidade do trabalho, do profissionalismo e da autoridade jornalística. E sinaliza que eventuais questionamentos quanto ao reportado pela emissora não passam de opiniões divergentes, uma vez que a história é aquela contada pelo jornalismo da Globo. A mesma história que, nesta série, foi relembrada pela memória dos repórteres e equivale à memória mediada dos espectadores.

> Eu tenho mais de 40 anos no jornalismo da Globo. Quase metade desse tempo aqui no *Jornal Nacional*. Eu, o Cid e todos que têm ou tiveram esta missão os telejornais e nos programas da Globo temos todos os motivos para sentir orgulho por este cinquentenário [Emocionado]. Ter estado aqui nesta bancada, durante todos aqueles anos, vivendo este processo desafiador de levar os fatos aos telespectadores da melhor maneira possível, da maneira que todos entendam claramente, foi algo que é e sempre será inesquecível [Engole em seco]. Jornalismo é sempre uma obra coletiva. E fazer parte disso é algo realmente especial. Jornalismo trata de assuntos que afetam a vida das pessoas direta e ou indiretamente, afetam as nossas vidas. Talvez por isso [a voz bem embargada] as memórias dos repórteres que nós acompanhamos nesta semana tenham emocionado tanta gente. É como se as memórias deles fossem as suas [estende a mão na direção da câmera, como se estendesse na direção do telespectador], as minhas. E nem importam as diferenças de opinião que cada um tenha sobre os fatos relembrados por eles. Porque a opinião é de cada um, mas a história é de todos (Sérgio Chapelin, 24/4/2015 6'35").

Conclusão

Longe de estar presa no passado, a memória coletiva requer observação atenta do contexto atual. Memória não é apenas um processo individual, mas também um processo coletivo, e o jornalismo tem sido a nossa membrana de memória social mais pública, amplamente distribuída, facilmente acessada e finamente esticada. A ascensão da televisão na cultura moderna resultou em que telejornalistas detêm uma popularidade que excede seus precedessores da

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p365

imprensa ou mesmo do radiojornalismo, ainda que no Brasil o meio radiofônico tenha conhecido uma época áurea de largo alcance em meados do século XX.

De fato, no país a televisão segue como meio de comunicação predominante, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (SECOM). De acordo com a pesquisa, 95% dos entrevistados afirmaram ver TV, sendo que 73% têm o hábito de assistir diariamente, numa média de 4h31 por dia de exposição ao televisor.

A forte presença da televisão, bem como a popularidade de seus jornalistas, se entrelaça, sem sombra de dúvida, com aspectos profissionais e técnicos, numa relação simbiótica de alimentação e fortalecimento. Porém, mais recentemente, com o avanço da internet, se percebe um realinhamento das preferências e hábitos de consumo de informação[11], nitidamente entre os jovens, apontando para uma tendência de queda da tv e de aumento na penetração da internet.

Junto com este cenário, caminha também um recrudescimento dos emissores mais tradicionais e o empoderamento de outras vozes, contribuindo para uma crise que afeta o jornalismo tradicional.

[11] De acordo com a PBM, "praticamente a metade dos brasileiros, 48%, usa internet. O percentual de pessoas que a utilizam todos dos dias cresceu de 26% na PBM 2014 para 37% na PBM 2015. O hábito de uso da internet também é mais intenso do que o obtido anteriormente. Os usuários das novas mídias ficam conectados, em média, 4h59 por dia durante a semana e 4h24 nos finais de semana – na PBM 2014, os números eram 3h39 e 3h43 –, valores superiores aos obtidos pela televisão. Mais do que as diferenças regionais, são a escolaridade e a idade dos entrevistados os fatores que impulsionam a frequência e a intensidade do uso da internet no Brasil. Entre os usuários com ensino superior, 72% acessam a internet todos os dias, com uma intensidade média diária de 5h41, de 2ª a 6ª-feira. Entre as pessoas com até a 4ª série, os números caem para 5% e 3h22. 65% dos jovens na faixa de 16 a 25 se conectam todos os dias, em média 5h51 durante a semana, contra 4% e 2h53 dos usuários com 65 anos ou mais" (PBM 2015, p. 7).

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p365

Iniciativas como o Memória Globo são tentativas não apenas de conservação da produção e do passado de empresas jornalísticas, mas de nutrição da sua própria identidade jornalística, ao mesmo tempo em operam como estratégias discursivas para reafirmar a importância do jornalismo tradicional como a instância que faz história.

Não à toa, diversos veículos de comunicação vêm lançando projetos semelhantes, como as iniciativas dos jornais O Globo, Estado de São Paulo e Folha de São Paulo. Merece ainda um destaque o fato de a maioria dos projetos memorialísticos de órgãos do jornalismo serem desenvolvidos por jornais impressos, exatamente a mídia que mais tem sofrido com o novo cenário de consumo de informação, seja no Brasil ou no exterior.

Trata-se, no fundo, de uma luta pela autoridade cultural no estabelecimento do fato não apenas jornalístico mas acima de tudo histórico. Portanto, estamos diante de uma disputa de narrativas, que se desenrola no poder de determinar que passado deve ser recordado, o que entra para a História. Compreender esta autoridade cultural requer investigar como o poder da tradição constitui as formações do presente.

Nilson Lage nos recorda que, entre o fato e a versão que se divulga, há todo um processo de percepção e interpretação que é a essência da atividade dos jornalistas. O processo de percepção e interpretação da realidade é o elemento fundamental na hora de reportar fatos e testemunhos. Nesta perspectiva, a série *50 anos de jornalismo da Globo* reforça esta concepção do jornalista como testemunha da história e interlocutor legítimo para a narrativa memorialística, ao mesmo tempo em que reafirma a autoridade do jornalismo na contemporaneidade fragmentada. Um esforço que se utiliza da memória

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p365

como instrumento legitimador do papel do jornalista e sua operação na construção social da realidade.

Referências

BARBOSA, Marialva. Mídias e usos do passado: o esquecimento e o futuro. **Revista Galáxia**, São Paulo, v. 6, n. 12: 13-26, 2006. Disponível em: < http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1458/922>. (acesso em 15 dezembro 2015).

BARBOSA, Marialva. Meios de comunicação e usos do passado: temporalidades, rastros e vestígios e interfaces entre Comunicação e História. In: RIBEIRO, A. P. G.; HERSCHMANN, M. **Comunicação e história: interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: Mauad X, Globo Universidade, 2008.

BERGAMO, Alexandre. Reportagem, memória e história no jornalismo brasileiro. **Mana** nº 17 vol 2: 233-269, 2011.

BERGER, Christa. Memória enquadrada: 30 anos se passaram e Vlado segue morrendo. **IV Encontro de Pesquisadores em Jornalismo. SBPJor**. Porto Alegre: UFRGS. CD-ROM, 2006.

CARLSON, Matt and Berkowitz Daniel A. Twilight of the television idols: collective memory, network news and the death of Walter Cronkite. **Memory Studies** 5(4) 410-424, 2011.

CARLSON, Matt and Berkowitz Daniel A The Late News: memory work as boundary work in the commemoration of television journalists. In ZELIZER, Barbie & TENENBOIM-WEINBLATT, Karen. **Journalism and Memory**. Memory Studies. London: Palgrave Macmillian, 2014.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p365

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2ª edição, 2010.

FIUZA, Sílvia. Entrevista I (set2015). Rio de Janeiro, 2015. 1 arquivo .mp3 (60 min.), 2015.
FIUZA, Sílvia. Entrevista II (nov2015). Rio de Janeiro, 2015. 1 arquivo .mp3 (75 min.), 2015.

HALBAWCHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

MEMÓRIA GLOBO. ***50 anos de jornalismo da Globo***, 2015. Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/jornal-nacional/jornal-nacional-50-anos-de-jornalismo-da-globo.htm> Acesso em 10 abr.2016.

MEMÓRIA GLOBO. **Globo 50 Anos**, 2015. Disponível em http://memoriaglobo.globo.com/mostras/globo-50-anos.htm. Acesso em 10 abr. 2016.
MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional: a notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

MEMÓRIA ROBERTO MARINHO. **Projac**. Disponível em <http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/detalhes-de-verbete-13.htm>. Acesso em 24 jun. 2016.

OLICK, J. Reflections on the underdeveloped relations between Journalism and Memory Studies. In ZELIZER, Barbie & TENENBOIM-WEINBLATT, Karen. **Journalism and Memory**. Memory Studies. London: Palgrave Macmillian, 2014.

SANTA CRUZ, Lucia Jornalismo feito de notícias velhas: O uso da memória jornalística na produção de conteúdo novo. **Mídia e Cotidiano**. Número 8.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p365

Março 2016. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano - PPGMC (UFF). Disponível em< http://www.ppgmidiaecotidiano.uff.br/ojs/index.php/Midecot/article/view/247/185> (acesso em 10 abril 2016)

SANTA CRUZ, Lucia. Desfazendo a mala: memórias de imigrantes na mídia. **Contracampo** v. 17 2º semestre 2007. Niterói: Instituto de Artes e Comunicação Social: 179-192.

SANTA CRUZ, Lucia. O repórter como historiador do tempo presente. In PEREIRA, Carlos Alberto Messeder, ASSIS, Francisco de e ANTONIOLI, Maria Elisabete. **Desafios do Jornalismo: novas demandas e formação profissional**. Curitiba: Appris, 2014.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**. Cultura da memória e guinada subjetiva. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SOARES, Murilo Cesar. Análise de enquadramento. DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio (org.) **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2ª edição. São Paulo: Atlas, 2012. Material complementar. Disponível no site https://www.editoraatlas.com.br/atlas/webapp/detalhes_produto.aspx?prd_des_ean13=9788522474400#ancMaterial. Acesso em 10 janeiro 2016.

TRAQUINA, Nelson. . **Teorias do jornalismo vol II**. Florianopolis: Insular, 2008.

TUCHMAN, Gaye. **Making news: a study in the construction of reality**. New York: Free Press; Later Printing edition, 1978.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. Porto Alegre: Editora da PUC-RS, 2003.

VIZEU, Alfredo. O newsmaking e o trabalho de campo. In LAGO, Cláudia e BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 2007.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p365

ZELIZER, Barbie. **Covering the body: the Kennedy assassination, the media and the shaping of collective memory.** Chicago: University of Chicago Press, 1992.

ZELIZER, Barbie. Journalists as interpretive communities. **Critical Studies in Mass Communication** 10: 219-37, 1993.